

Por uma sociedade radicalmente democrática: utopia?

O que mais me impressionou ao assistir a película *“Utopia e Barbárie”*, de Sílvio Tandler, foi perceber sua alegria, seu orgulho, por haver participado dos movimentos de esquerda que lutaram pela democracia e pelo socialismo na segunda metade do século XX. Um elemento constitutivo de sua história, de sua personalidade, que ele não recusa ou tampouco louva de forma acrítica.

Compartilho o mesmo sentimento ao examinar minha história de vida, ainda que meu nicho principal de militância tenha sido o movimento sanitário.

No filme, vários depoentes relatam o prazer absoluto que foi ser ativista em 1968, ou experimentar a invenção de uma via pacífica para o socialismo no Chile, com Salvador Allende. Referem-se a *“catarse coletiva”*, *“orgasmo da história”* e a situações *“orgásticas”*. E isto apesar das derrotas, apesar de haverem constatado que dentro de nossas utopias também germinavam formas de barbárie.

A reforma sanitária é parte desse fluxo, é parte da vontade de gente iluminada que ousou pensar um mundo solidário e justo. Nossa utopia, contudo, era mais modesta do que a daqueles revolucionários – utopia concreta (Karel Kosic, o filósofo obrigado a trabalhar como cozeiro pelos estalinistas). SUS, democracia e saúde para todos. Um projeto que, em larga medida, se realizou. Com o SUS criou-se um espaço existencial onde milhares de pessoas (eu entre elas) construímos sentido para nossas vidas, envolvendo-nos com problemas e afetos para além de nós mesmos e do narcisismo contemporâneo. A reforma sanitária também teve seus momentos de epifania coletiva: a VII Conferência Nacional de Saúde, em 1986, ainda quando a X, XI e XII tenham produzido mais tédio, ressentimento e dissensão do que entendimento e energia; o porre democrático da gestão Arouca na FIOCRUZ; o delírio criativo do povo da saúde de Santos, de Campinas, e de tantos outros municípios, na alvorada do SUS, entre 1989 e 1992. Há um traço, entretanto, que distingue o movimento sanitário de outras iniciativas de caráter espasmódico – ainda quando a contração dure meses ou alguns anos. Criaram-se, no Brasil, movimentos de mudança duradouros, os quais têm permitido prorrogar-se o prazer desfrutado por muitos daqueles que fazem parte de um esforço coletivo de natureza utópica. Refiro-me à possibilidade criada pelo SUS de combinarmos trabalho, sobrevivência, com militância social e política. Quem batalhou para construir-se novos paradigmas, novas fronteiras de conhecimento e de práticas, novas instituições, sabe do que estou falando. Da sensação inefável de somar-se à humanidade e ao planeta, e não agoniar-se por dominá-los ou destruí-los. Em Saúde Mental, DST/AIDS, atenção primária, humanização, educação e promoção à saúde, pessoas, milhares delas, perseguem a utopia de inventar-se uma nova ordem social, uma nova organização para a humanidade.

No filme de Silvio Tendler, o cineasta Pontecorvo resume o que considero uma descrição da utopia para o terceiro milênio: *“Progresso é tudo que reduz o poder de uma pessoa sobre a outra, de um grupo sobre o outro”*. Essa é essência do bem-estar; ou melhor, o caminho pelo qual poderemos, ou não, alcançar uma vida menos áspera do que a atual. Amigos, o filme de Silvio Tendler é uma viagem racional e psicodélica pela história. Embarquem nessa, até porque o único efeito colateral será permanecerem reflexivos por alguns dias.

Gastão Wagner de Sousa Campos